

# Adib Domingos Jatene : Um legado de profissionalismo, sabedoria e ética

Por: Dr. Lauro Arruda Câmara

Filho de imigrantes libaneses, Adib Jatene nasceu em [Xapuri, Acre](#), em 04 de junho de 1929. Aos dois anos perdeu seu pai, que era comerciante nos seringais. Terminou o curso primário no Acre e foi para [Uberlândia](#), MG, onde fez o ginásio e o primeiro ano científico. Foi então para [São Paulo](#), estudar no Colégio Bandeirantes. Queria estudar engenharia, mas logo desistiu desse curso e optou pela medicina. Dizia que pretendia se especializar em saúde pública e voltar para o Acre. No quarto ano do curso, começou a adquirir vivência em cirurgia, e entrou no grupo do professor [Euryclides de Jesus Zerbini](#). Em maio de 1951, quando Zerbini operou o primeiro doente de estenose mitral, Jatene o instrumentou.

Adib Jatene formou-se aos 24 anos, em 1953, na Faculdade de Medicina de São Paulo (FMUSP), e fez toda sua pós-graduação com o professor Zerbini no [Hospital das Clínicas](#), onde mais tarde viria se tornar professor emérito e pesquisador em bioengenharia. Em 1957, em [Uberaba](#), MG, foi professor de Anatomia Topográfica na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, onde montou seu primeiro modelo de [coração artificial](#), que utilizava um oxigenador de disco e uma bomba de rolete.

Foi o idealizador de uma cirurgia para tratamento da transposição dos grandes vasos da base do coração em recém-nascidos, conhecida internacionalmente como “**Cirurgia de Jatene**” e fez, em 1968, a primeira cirurgia de pontes de safenas no Brasil. Participou ativamente na criação do primeiro coração-pulmão artificial do Hospital das Clínicas. Por sua contribuição no desenvolvimento de técnicas cirúrgicas, próteses e instrumentos para procedimentos médicos, tornou-se um dos mais respeitados cirurgiões do mundo.

Dr. Jatene participou ativamente do desenvolvimento da cardiologia brasileira, estimulou a criação da cirurgia cardíaca nas instituições privadas Beneficência Portuguesa e Hospital do Coração (HCor) e nas instituições públicas Dante Pazzanese e o Instituto do Coração (InCor), sendo seu primeiro diretor em 1976.

Nunca se filiou a partidos políticos, mas ocupou vários cargos públicos. Foi Secretário Estadual da Saúde de São Paulo (1979-1982), no governo Paulo Maluf; Ministro da Saúde (1992) por oito meses no governo Collor e retornou ao ministério no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1996) por vinte e dois meses. Preocupado com o baixo investimento do governo federal na saúde, foi o idealizador da Contribuição Provisória Sobre Movimentação Financeira (CPMF), para ajudar a financiar a saúde brasileira. Em 2013, chegou a presidir uma comissão de especialistas que ajudou o governo federal na formulação de projeto para mudanças no ensino médico, mas se afastou depois que o governo Dilma Rousseff lançou, à revelia da comissão, o programa Mais Médicos.

Era membro da Academia Nacional de Medicina e foi autor de cerca de 700 trabalhos científicos publicados no Brasil e no exterior. Realizou mais de vinte mil cirurgias de coração. Colecionador de obras de arte, tinha quadros de Di Cavalcanti, Alfredo Volpi e Tarsila do

Amaral. Presidiu o Conselho Curador do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Com múltiplos interesses, era incansável: mensalmente, visitava sua fazenda nos arredores de Catanduva, SP (a 390 quilômetros da capital) para conferir as plantações e a criação de gado.

Em 2003, a Sociedade Brasileira de Cardiologia, realizou uma enquete via internet com seus associados, para escolher os “Melhores e Maiores Cardiologistas do Século XX”. Entre os 150 nomes citados, o Dr. Adib Jatene foi o mais votado.

Casado com a nutricionista Aurice Biscegli, tinha quatro filhos: Fábio (cirurgião cardíaco), Marcelo (cirurgião cardiopediátrico), Lêda (cardiologista pediátrica) e Lara (arquiteta). Dr Jatene faleceu aos 85 anos, de infarto do miocárdio no dia 14 de novembro de 2014.

### **Relato do Dr. Adib Jatene quando diagnosticou seu primeiro infarto ( em maio de 2012):**

“Já sabia que precisava passar por cateterismo e, eventualmente, colocar um *stent*. Quatro meses atrás, exames de rotina detectaram problemas em uma coronária. E eu vinha adiando, não por desleixo, mas porque tinha compromissos, congresso, conferência. Até que fui surpreendido naquela quarta-feira (23 de maio- 2012). O dia anterior havia sido normal: atendi em meu consultório no HCor, fui ao Instituto Dante Pazzanese mexer com o ventrículo artificial que estamos desenvolvendo lá, jantei em casa com minha mulher Aurice.

Acordei às 6h30 sentindo uma dor forte no peito, mas achei que era algo muscular. Agi com normalidade. Tomei banho, me sentei à mesa, bebi café com leite, comi pão com manteiga, geleia, queijo. Não comentei nada com Aurice para ela não ficar assustada. Às 8 horas, chamei o motorista ( contratado depois que fiz 80 anos de idade, por insistência dos filhos, que acham necessário eu ter esse tipo de conforto que nunca busquei na vida). Saí de casa (nos Jardins) direto para o HCor. Como a sensação permanece e vai se intensificando, aumentou a suspeita de que poderia ser sério. Na minha sala, no hospital, mandei chamar a moça responsável por fazer eletrocardiograma em meus pacientes. Eu mesmo li o resultado. Aparecia o supradesnívelamento de segmento ST, uma situação clássica de infarto. A artéria descendente anterior estava obstruída na porção média. Peguei o telefone e não tive dúvida: liguei para o Hospital Dante Pazzanese e falei com o médico José Eduardo Sousa. Trabalhamos juntos pela primeira vez em 1959 e hoje ele faz parte da minha equipe no HCor. É um intervencionista altamente reconhecido, foi o homem que utilizou *stent* pela primeira vez. Com um camarada desse ao lado, era a escolha óbvia. Falei: ‘Preciso de você. Estou infartando e teremos de fazer o cateterismo que deveríamos ter realizado semanas atrás [risos].’ Em seguida, liguei para minha mulher para avisá-la. Ela tem muito escrúpulo em me cuidar, mas se manteve calma, na medida do possível. Fui me dirigindo, então, à sala de hemodinâmica, onde eu seria tratado. Para que o cateterismo tenha o máximo de eficiência, calculamos que o tempo porta/cateter (da entrada no hospital ao início do procedimento) deve ser menor que noventa minutos. No meu caso, foi menor que trinta. Por isso, não tive medo de morrer. Nunca tenho, aliás, por essa característica que citei: concentrar-me nas soluções”.

**FRASES PREFERIDAS:**

*“Se alguém já fez, é possível fazer. Se ninguém nunca fez, temos que encontrar um meio de fazer.”*

*“ O trabalho não mata, o que mata é a raiva.”*